

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

Taynara Alcântara Cangussú¹
Sônia Aparecida Lopes Benites²

Resumo: Este trabalho tem por objetivo: (1) verificar se as crianças em geral tendem a separar a primeira letra de palavras iniciadas com a letra “a”; (2) buscar explicações sobre quais seriam os fatores linguísticos que determinariam o aparecimento desse tipo de segmentação não convencional. Para cumprir esses objetivos, analisamos 17 produções textuais infantis. Essa análise foi dividida em duas partes: uma quantitativa e uma qualitativa. Os resultados encontrados na primeira parte nos permitem considerar que, talvez, esse movimento seja uma etapa necessária na caminhada do sujeito escrevente até a escrita convencional. Já na segunda etapa, pudemos perceber que, apesar de cada hipótese explicar essa ocorrência por um viés diferente, todas elas admitem que as crianças baseiam-se em suas práticas orais/ letradas para resolver seus “problemas” na escrita.

Palavras-chave: Aquisição da escrita; Segmentação não convencional; letramento.

Summary: This work aimed: (1) check if children, in general, tend to separate the first letter of words beginning with the letter “a”; (2) try to explain about what linguistic factors would be responsible for the emergence of this sort of unconventional segmentation. To achieve these goals, we analyzed 17 children textual productions. This analysis was divided into two parts: one quantitative and another qualitative. The findings on the first part allowed us to consider that; maybe, this movement is a necessary step on the children’s journey until they achieve the conventional writing. On the second step, by the other hand, we

¹Graduanda em Letras da UEM (Universidade Estadual de Maringá). Endereço Eletrônico: tay.nara.alcantara@hotmail.com

²Doutora em Letras, professora do Programa de Pós-Graduação em Letras da UEM (Universidade Estadual de Maringá). Endereço Eletrônico: salbenites@gmail.com

could perceive that, besides each explanatory hypothesis this occurrence by a different view, all of them admit that children base themselves in oral and literacy practices to solve their “problems” on writing.

Keywords: Writing Acquisition; Unconventional Segmentation; Letter “a”.

1. Considerações Iniciais

Baseados em autores como Abaurre (1988, 1991, 1996), Abaurre et. al. (1997), Silva (1994), Capristano (2003, 2007, 2010), Chacon (2004, 2005, 2006, 2007), Tenani (2010), dentre outros, entendemos que as crianças, quando em processo de aquisição da escrita, fazem uma série de reflexões que, de certa forma, recuperam toda a sua história de relação com a linguagem. Durante essas reflexões, cometem uma série de “erros” que são vistos por nós como construtivos, na medida em que podem nos permitir entender melhor quais foram os caminhos trilhados pelo sujeito escrevente até o produto escrito. Dentre os vários erros passíveis de serem cometidos durante esse processo, escolhemos estudar especificamente aqueles concernentes à hipersegmentações em palavras iniciadas com a letra “a”.

Essa escolha tão peculiar não foi aleatória. Nossa inquietação quanto ao tema adveio de um trabalho anterior, (CANGUSSÚ, 2012)³, no qual analisamos marcas de hipossegmentação (separação para menos), hipersegmentação (separação para mais) e mescla (ocorrência simultânea de hipossegmentação e hipersegmentação), nas produções textuais de um sujeito, ao longo de quatro anos. Nessa análise, verificamos que a maior parte (63,88%) das ocorrências de

³ CANGUSSÚ, T. A. *Hiposegmentação Hipersegmentação e mesclas em produções textuais infantis: um olhar longitudinal*. 2012. Relatório de projeto de iniciação científica orientado pela Prof^a Dr^a Cristiane Carneiro Capristano. As produções textuais analisadas nesse projeto foram coletadas por essa professora, quinzenalmente, ao longo de quatro anos e hoje pertencem ao acervo do grupo *Estudos sobre a linguagem* GPEL, coordenado pelo Prof^o Dr^o Lourenço Chacon. Nosso contato com esse banco, de certa forma, só foi possível devido a nossa ativa participação no *Grupo de pesquisa sobre a escrita*, vinculado ao grupo anterior e coordenado pela Prof^a Dr^a Cristiane Carneiro Capristano.

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

hipersegmentação desse sujeito envolvia palavras iniciadas com a letra “a”, como, por exemplo, a *manhã* (amanhã). Atentos a essa peculiaridade, levantamos a hipótese de que esse movimento seria seguido pelas crianças em geral.

Partindo dessa hipótese, fizemos uma coleta de produções textuais de outras crianças e ora propomos o presente trabalho que, de forma geral, objetiva analisar quantitativa e qualitativamente as ocorrências em que há isolamento da letra “a” do restante das palavras iniciadas por ela, em 17 produções textuais de sujeitos participantes do 2º ano do ensino fundamental.

Portanto, temos por objetivos específicos: 1)- confirmar ou não a tendência suscitada acima e 2)- buscar explicações sobre quais seriam os fatores linguísticos que determinariam o aparecimento desse tipo de erro de segmentação.

Apesar de, a princípio, parecer uma dúvida modesta, o alcance desses objetivos é de grande importância para a teoria linguística, tendo em vista que os resultados podem ajudar a entender melhor como o sujeito percebe a existência do artigo definido feminino “a” na língua e como entende seu funcionamento. Além disso, trabalhos como este podem, em perspectiva mais abrangente, fornecer subsídios que possibilitem entender de que forma o sujeito escrevente estabelece relação com a linguagem (Cf. CAPRISTANO, 2007, p. 39).

Dessa maneira, acreditamos que este trabalho também se justifica pela sua direta contribuição para a atuação de profissionais da área da educação que lidam diretamente com as séries iniciais, como concorda Cunha (2010):

Trabalhos [...], em que o erro é analisado como parte importante do processo de aquisição da escrita, proporcionam, ao professor das séries iniciais, visão diferenciada de como desenvolver seu trabalho em sala de aula (CUNHA, 2010, p. 18).

Considerando as justificativas acima mencionadas, além desta seção introdutória, dividimos nosso trabalho em mais 4, as quais serão apresentadas da seguinte forma: 1)- na primeira, faremos uma passagem pela fundamentação teórica; 2)- em seguida, será apresentada a metodologia; 3)- logo após, faremos a análise dos dados; e, por fim; 4)- apresentaremos nossas considerações finais.

2. Fundamentação Teórica

O processo de aquisição da escrita, como propõem Silva (1994) e Abaurre e Silva (1994), é um momento em que a criança entra em contato com a escrita e passa a apropriar-se dela, fazendo reflexões baseadas em sua história de relação com a linguagem. Essa história, de acordo com Capristano (2003, 2007, 2010) e Chacon (2004, 2005, 2006, 2007), é construída através de sua participação em práticas orais e letradas.

Durante esse processo de reflexão, a criança produz uma série de erros que, outrora ignorados por profissionais da área da educação, são, atualmente, vistos como construtivos, pois já se acredita que eles não caracterizam uma “incapacidade ou desatenção da criança” (SILVA, 1994, p. 07), mas, sim são evidências “da marca inequívoca da relação sujeito/linguagem” (Cf. ABAURRE et. al, 1997, p.16-17). A escrita, por sua vez, seria “o seu melhor objeto de experimentação” (CUNHA, 2004, p. 92).

A esse respeito Abaurre (1991) destaca que as crianças, quando envolvidas em atividades de escrita, se deparam com “problemas” que são resolvidos por elas através de hipóteses sobre como concretizar na escrita, aquilo que, antes, para elas, só existia na fala. É por isso que Abaurre (1991) afirma que:

a elaboração de um texto escrito delimita, para a criança, um espaço particular de solução de problemas, onde ela será chamada a (re) construir a linguagem através de sua transposição para a forma de representação escrita (ABAURRE, 1991, p. 205).

Por isso, autores nos quais nos baseamos entendem que essas marcas não convencionais “nos dariam mais visibilidade e nos permitiriam distinguir [os] caminhos [...] [percorridos] pelos aprendizes na tarefa apenas supostamente trivial de escrever” (CAPRISTANO, 2010, p. 174). Em outras palavras, essas marcas nos permitiriam recuperar, de certa forma, o processo que levaria a criança a produzir estruturas que não estão de acordo com as convenções ortográficas da língua portuguesa.

Embora saibamos que existem diversas estruturas como essas na escrita infantil, escolhemos estudar apenas as concernentes à segmentação convencional, que é entendida, neste trabalho, como as “distribuições de espaços em branco que, na escrita convencional, são responsáveis por indicar limites de palavras conforme definidas morfológicamente”

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

(CAPRISTANO, 2010, p. 11). Já as segmentações não convencionais seriam, por sua vez, “as presenças ou ausências indevidas, em relação às convenções ortográficas do espaço em branco que define os limites de palavras” (TENANI, 2010, p. 03).

Apesar de parecer simples, o processo que a criança percorre até chegar a um conceito sobre o que é uma palavra, de acordo com os critérios morfológicos convencionais, possui “alto grau de complexidade” (Cf. SIMÕES, 2006, p. 16). Ela precisa entender, por exemplo, que não há uma relação direta entre as separações feitas nos enunciados falados e as separações feitas nos enunciados escritos, ou seja, nem sempre há uma relação de isomorfia entre os constituintes morfológicos e os prosódicos, como bem alerta o trabalho de Nespor & Vogel (2007): the constituents of morphological structure are not necessarily isomorphic to the domains of application of a set of phonological rules (NESPOR & VOGEL, 2007, p. 36). Isso ocorre porque “os critérios de interrupção da cadeia fônica são, como se sabe, bem diversos dos critérios de segmentação da escrita” (ABAURRE, 1991, p. 203). Um exemplo desse processo é que, às vezes, um enunciado que é representado na fala por apenas uma palavra fonológica, na escrita, é simbolizado por duas, como por exemplo: “a casa” ->/a.ˈka.za/, “a mão”->/a.ˈmãU/. Por esse motivo, a criança, ao se deparar com situações como essa, pode grafar *acasa* ou *amão*, cometendo erros que são nomeados pela literatura de segmentações não convencionais.

No que diz respeito às segmentações não convencionais, todos os trabalhos que encontramos até o momento, a saber, Abaurre (1988, 1991, 1996), Capristano (2003, 2007, 2010), Chacon (2004, 2005, 2006), Cunha (2004), Paula (2007), Silva (1994), Tenani (2010), dentre outros, reconhecem a existência de três formas: 1)- a *hipossegmentação*- “ausência de espaço nas fronteiras entre palavras” (CUNHA, 2004, p. 13), como em *minhacasa* (minha casa); 2)-a *hipersegmentação*-” alocação de espaços no interior da palavra” (CUNHA, 2004, p. 13), como em *a quilo* (aquilo) e; 3)- as *mesclas*- momentos que ocorrem simultaneamente um *hipossegmentação* e uma *hipersegmentação*, como em *um amulher* (uma mulher).

Vários trabalhos apresentam hipóteses sobre os motivos que levam as crianças a cometerem os três tipos de erro de segmentação. Entretanto, devido ao nosso interesse em estudar

apenas as estruturas hipersegmentadas, especificamente aquelas em que a letra “a” é dissociada do restante da palavra, preocupamo-nos em encontrar hipóteses que explicassem ocorrências com esse perfil. Devido à escassez de estudos nessa área, na abrangência de nossas pesquisas, encontramos hipóteses que atendessem a nossa necessidade apenas nos trabalhos de Paula (2007) e Abaurre (1991). Essas hipóteses mais periféricas serão apresentadas juntamente à análise qualitativa dos dados.

3. Metodologia

Por concordarmos com Abaurre (2006) que “indícios não passam, no entanto, de boas pistas [...] [e que] resta sempre o trabalho fundamental: a busca de provas [...]” (ABAURRE, 2006, p. 09), decidimos ir a campo para coletar dados de outros sujeitos, a fim de averiguar se os resultados encontrados nas produções textuais analisadas em Cangussú (2011) estariam presentes nas produções textuais da maioria das crianças que estão em processo de aquisição da escrita ou se teriam sido apenas uma idiosincrasia do sujeito analisado nesse trabalho.

Para tanto, aplicamos uma proposta de produção textual espontânea, retirada do trabalho de Capristano (2007), intitulada “A verdadeira história dos três porquinhos: diário de um lobo” e fizemos o ditado das seguintes frases: “o abacaxi aparecerá amanhã amarelinho” e “a asa do avião apareceu ali”⁴. Assim, coletamos 25 produções textuais.

De posse dessas produções textuais, restou-nos encontrar caminhos que levassem à identificação, seleção e organização dos dados encontrados. Nesse percurso, confrontamo-nos com dificuldades metodológicas como textos ilegíveis e problemas com identificação das ocorrências. Baseados no trabalho de Paula (2007), decidimos excluir os textos que não apresentavam possibilidade de atribuição de leitura. Restaram, dessa forma, apenas 17 passíveis de análise.

⁴ Admitimos, aqui, a artificialidade e ineficácia desse tipo de atividade, se usada em práticas pedagógicas. No entanto, o nosso objetivo estava relacionado apenas a questões prosódicas e gráficas, por isso, consideramos que essa artificialidade não influenciaria nos resultados. Ressaltamos que, além dessas duas frases ditamos também a seguinte “o homem olhou a amável mulher”; no entanto, decidimos não quantificá-la, pois nos interessávamos em olhar apenas para aquelas em que a presença de palavras iniciadas com a letra “a” era mais recorrente.

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

Após termos digitalizado e digitado essas propostas, dividimos a análise em duas etapas: uma de caráter quantitativo e outra qualitativa. Na primeira, fizemos um primeiro movimento em que calculamos percentualmente as ocorrências de palavras iniciadas com a letra “a”, incluindo as 17 produções, espontâneas e não espontâneas. Após isso, dividimos as produções textuais entre aquelas que apresentaram alguma ocorrência de separação da letra “a” do restante da estrutura e as que não apresentaram nenhuma ocorrência.

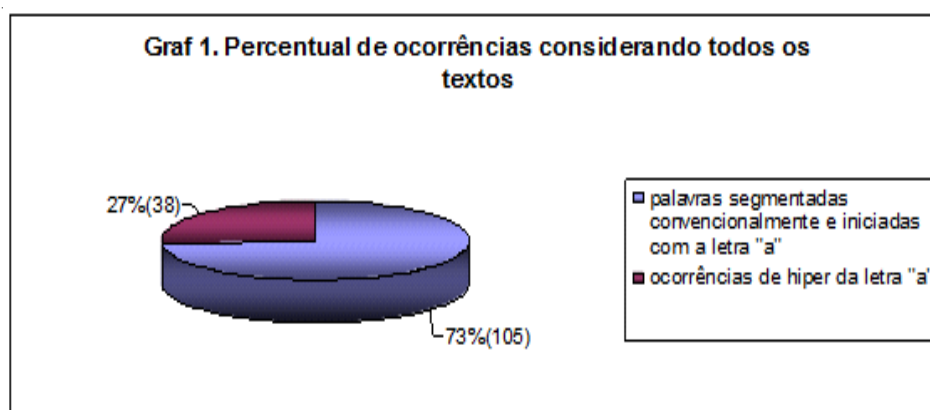
Dessa forma, restaram apenas 7 produções para serem analisadas, visto que 10 delas não apresentaram nenhuma ocorrência desse caráter. Na análise dessas produções, primeiramente fizemos uma quantificação, incluindo os textos espontâneos e não espontâneos. Na segunda etapa da análise, voltamos nosso olhar ao aspecto qualitativo, pois percebemos a necessidade de buscar hipóteses que explicassem quais fatores linguísticos levariam a criança a cometer esse tipo de “erro”. Buscamos em Paula (2007), cujo trabalho analisou especificamente as hipersegmentações, e também em Abaurre (1991), hipóteses que nortearam nossas análises. Além dessas, suscitamos também outra hipótese, agora mais ligada à interface morfologia/ escrita.

É pertinente lembrar que, apesar de, por vezes, parecer que cada dado pode ser explicado por apenas uma hipótese, acreditamos que, muitas vezes, todas as hipóteses podem explicar o mesmo processo de reflexão da criança que subjaz ao produto escrito.

4. Análise

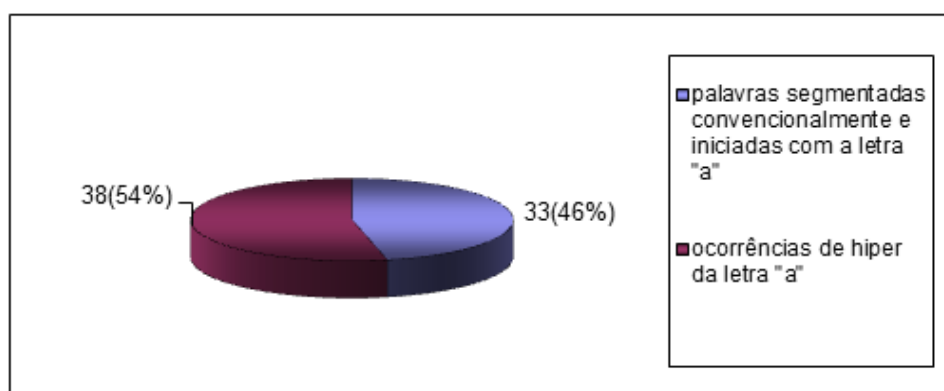
4.1. Quantitativa

Para cumprir o primeiro objetivo, julgamos necessário fazer um trabalho quantitativo. A quantificação percentual dos dados nos permitiu chegar ao resultado de que nas 17 produções textuais, incluindo espontâneas e não espontâneas, havia um total de 143 palavras iniciadas com a letra “a”, das quais 38 estavam hipersegmentadas, como se verifica no gráfico abaixo:



Como é possível notar em um primeiro olhar, os resultados não confirmam nossa hipótese inicial, tendo em vista que a maior parte das palavras iniciadas com a letra "a" foi segmentada convencionalmente. Durante a computação dos dados, entretanto, fizemos observações que cabem aqui serem destacadas.

Uma delas é a de que as crianças, após perceberem que essa letra pode representar uma palavra na língua, passam a oscilar entre o convencional e o não convencional, criando hipóteses sobre como seria o funcionamento dessa palavra na escrita. Parece, pois, que, nesse oscilar, elas tendem a "arriscar" mais na forma não convencional, grafando a estrutura de forma a isolar a letra "a" do restante da palavra. Essa observação pode ser verificada no gráfico a seguir, que apresenta os resultados percentuais das ocorrências convencionais e não convencionais nas 7 propostas que apresentaram alguma ocorrência de hipersegmentação em palavras iniciadas com a letra "a" (incluindo textos espontâneos e não espontâneos).



A partir desses resultados, percebemos que essa oscilação após a percepção da criança de que o artigo "a" pode

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

representar uma palavra na língua, poderia ser entendida como uma das etapas que o sujeito passa em sua caminhada até a escrita convencional.

Isso acontece porque, como visto na passagem teórica, as crianças em séries iniciais tendem a hipossegmentar mais do que hipersegmentar (Cf. CANGUSSÚ, 2012)⁵ por acreditarem que existe uma relação de isomorfia entre os vocábulos ou enunciados fonológicos e os morfológicos. No entanto, quando a criança atribui autonomia a uma letra, por ter percebido que ela pode representar uma palavra na língua, ela demonstra não estar mais se baseando apenas nos aspectos prosódicos da linguagem oral para fazer suas representações escritas, mas também em suas práticas letradas. Por assim ser, consideramos que essa permuta representaria, então, uma espécie de avanço da etapa, na qual se considera enunciados orais como isomórficos aos escritos, para uma etapa seguinte, em que se admite que essa relação de isomorfia nem sempre é válida. Salientamos, todavia, que em ambos os momentos, em maior ou menor grau, tanto aspectos relacionados à práticas letradas quanto às orais se entrecruzam para determinar essas ocorrências.

Acreditamos, portanto, que a oscilação entre atribuir ou não autonomia à letra “a”, quando em palavras iniciadas por ela, seria uma etapa necessária na caminhada do sujeito escrevente até que ele adquira a noção de palavra conforme definida morfológicamente. Por isso, admitimos que os resultados apresentados no gráfico 1 não são suficientes para a confirmação dessa hipótese⁶, pois isso só seria possível através de um trabalho longitudinal que abrangesse todas as etapas da caminhada do sujeito até a escrita convencional, permitindo verificar se, de fato, todas as crianças seguem esse movimento ou se seria apenas uma idiossincrasia do sujeito analisado em Cangussú (2012).

⁵ O trabalho de Cangussú (2012) propõe verificar se, realmente, as crianças em séries iniciais teriam essa tendência de hipossegmentar mais do que hipersegmentar. As análises feitas até o momento confirmam essa tendência.

⁶ Com o intuito de entender mais a respeito do modo como as crianças lidam com o artigo “a” durante o processo de aquisição da escrita, propomos em 2012, um projeto de pesquisa intitulado “o uso do artigo “a” na escrita infantil: seria uma tarefa fácil?”, que está em desenvolvimento e terá seus resultados divulgados em 2013.

4.2. Resultados Qualitativos

Tendo em vista o nosso objetivo de “investigar quais critérios linguísticos poderiam ser motivadores [desse tipo de] colocação não convencional” (CAPRISTANO, 2007, p. 40) buscamos, na literatura consultada, hipóteses que pudessem explicar esse processo. Devido à escassez de estudos nessa área, encontramos apenas algumas no trabalho de Paula (2007) e Abaurre (1991) que fossem explicativas para a questão. São elas que direcionarão a análise dos dados.

Na primeira delas, (Hip.1), Paula (2007) afirma que,

os critérios de segmentação das crianças estejam embasados na generalização que, talvez, façam das vezes em que o professor “corrige” a (sua) escrita sem lhe explicar que, naquele caso específico, ela deve segmentar por se tratar de mais de uma palavra, mas que existem casos em que uma letra ou sequência de letras que corresponderiam, em outro contexto, a clíticos, deverão ser entendidas não como verdadeiras palavras, mas como partes de uma única palavra. (PAULA, 2007, p. 90)

Dito de outro modo, de acordo com a autora, as ocorrências de hipersegmentações, às vezes, ocorrem devido a explicações não completas dos professores que, muitas vezes, levam as crianças a fazer generalizações sobre como segmentar as palavras. Isso acontece em momentos que a criança escreve, por exemplo, “acasa” (a casa) e a professora a corrige dizendo que, nesse caso, ela deve segmentar, pois se trata de duas palavras. Talvez, pela ausência de uma explicação mais detalhada, a criança tome essa explicação como se fosse algo geral e passe a segmentar todas as palavras iniciadas com a letra “a”. Consideramos que essa hipótese pode ser uma explicação para todas as vezes que as crianças cometem “erros” com esse caráter.

Seguindo essa linha de raciocínio, Paula (2007) suscita outra hipótese (Hip.2) ao explicar a ocorrência a *quela* (aquela) (PAULA, 2007, p. 85), encontrada em seu *corpus* de análise. Na análise dessa ocorrência, a autora destaca que o motivo que, possivelmente, tenha levado a criança a grafar o “a” isoladamente do restante da palavra poderia ter sido o fato de que ela estaria atribuindo autonomia ao artigo definido feminino, pois influenciada por práticas letradas, a criança teve a percepção de que a letra “a” poderia representar uma palavra

na língua e, por isso, isolaria essa partícula na intenção de revelar sua recente descoberta. Acreditamos que todas as ocorrências que encontramos são passíveis de ser explicadas também com essa hipótese.

Outra hipótese (Hip.3) ressaltada pela autora e diretamente ligada a essa, seria a de que a criança poderia hipersegmentar a estrutura de forma a isolar o “a” por atribuir autonomia, agora não somente a essa letra, mas também ao restante da palavra. Isso acontece porque, na língua, existem algumas palavras iniciadas com essa letra que, quando são divididas de maneira a isolar o “a” do restante da palavra, formam duas estruturas que coincidem com palavras da língua, como acontece, por exemplo, em: aparecida => a parecida; amole => a mole, dentre outras.

Com esse perfil encontramos os dados abaixo:

AMRANMA e maninha a manhã (amanhã)

Como é possível notar, os dados referem-se à palavra “amanhã” que, coincidentemente, quando dissociada a letra “a”, divide-se em duas palavras: o artigo definido feminino singular e a palavra de conteúdo lexical do gênero feminino “manhã”, muito presente no vocabulário infantil.

Em interpretações mais abrangentes, consideramos também que o dado abaixo poderia ser explicado com base nessa hipótese, tendo em vista que, devido ao fato de ainda não possuírem conhecimento a respeito da definição morfológica de palavra, as crianças poderiam estar vendo a estrutura “bacaxi” como uma palavra de conteúdo lexical do gênero feminino, o que, de fato, às vezes, aparece em algumas variantes.

a BACATA

Uma última hipótese (Hip.4), agora levantada por Abaurre (1991), dialoga diretamente com essa. A autora acredita que as crianças, às vezes, para resolver o problema sobre como segmentar estruturas como essas, baseiam-se no que elas tomam como cânone de palavra da língua. Esse cânone é construído por uma combinação de hipóteses relacionadas ao padrão de acento mais usado no português, com a hipótese de que haveria um número ideal de sílabas por palavra; o que passasse desse número seria isolado por elas, formando uma hipersegmentação.

Ao lidar com problemas de segmentação na escrita, as crianças frequentemente propõem soluções que parecem estar baseadas no que elas episodicamente tomam como a forma canônica, ‘preferencial’, da palavra na língua” (ABAURRE, 1991, p. 06).

No que tange ao ritmo da língua portuguesa, concordamos com Auber Crombie (1967) quando ele diz que “toda língua é falada com um ou outro tipo de ritmo”⁷. Nesse sentido, Bisol (1996) aponta que o “troque silábico⁸ [é que] dá evidência para o ritmo silábico [do português brasileiro]” (BISOL, 1996, p. 409).

De acordo com Abaurre (1991), a criança, ao ativar sua percepção da organização rítmica e prosódica dos enunciados, nota esse padrão e, junto a sua imaginação do que seria a quantidade de sílabas ideal por palavra, constrói um cânone de palavra que, em alguns casos, torna-se eficaz na resolução de seus problemas sobre como segmentar. Esse cânone seria o de palavras que se encaixam no paradigma de dissilábicas e trissilábicas paroxítonas.

Nas palavras de Abaurre (1991):

As crianças, muitas vezes, parecem combinar suas hipóteses sobre o padrão de acento mais comum do português com uma hipótese sobre o número ideal de sílabas por palavra, indiciando, assim, a forma que podem estar tomando como canônica para as palavras da língua (ABAURRE, 1991, p. 06).

Paula (2007) corrobora essa hipótese à medida que afirma que, não só essa ocorrência, como grande parte das que aparecem em seu trabalho (um total de 23,2%) pode ser explicada por ela, tendo em vista que todas as hipersegmentações pertencentes a esse total “foram correspondentes a uma combinação entre uma sílaba e um pé-troqueu” (PAULA, 2007, p. 86).

Ao contrário dos achados da autora, no nosso *corpus*, encontramos apenas um dado que pudesse ter sido motivado por essa hipótese, a *sucar* (açúcar). Esse dado aparece 4 vezes nas produções textuais do sujeito 2. Entretanto, concordamos que talvez ele não tenha sido tão frequente porque a maioria

⁷ “Every language in the world is spoken with one kind of rhythm or with other” (AUBERCROMBIE, 1967: 97).

⁸ Esse tipo de estrutura é caracterizado por uma ascendência da esquerda para a direita, formando uma batida forte e fraca. Ele acontece, por exemplo, em palavras como PORTa, CAsa, baRRIga, dentre outras.

das palavras ditadas se encaixava no perfil de pés-iambo, aqueles que, ao contrário do trocáico, apresenta uma batida fraca e forte, como acontece com as palavras: aparecerá, amarelinha, amanhã, abacaxi, avião.

Além dessas hipóteses, durante nossas análises verificamos a existência de outro fator linguístico que levaria a criança a cometer esse tipo de “erro”.

4.3. Um Novo Olhar Analítico

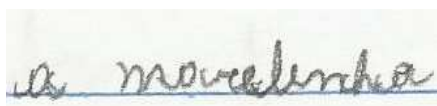
Como antecipado, durante nosso envolvimento com a busca de hipóteses sobre quais seriam os motivos que levariam as crianças a hipersegmentarem palavras iniciadas com a letra “a”, suscitamos uma novo olhar a fim de explicar esse processo (Hip.5).

Durante a análise qualitativa, frente a estruturas como: *bacaxi* (abacaxi), *a manão* (amanhã), tentamos explicá-las com as hipóteses 1, 2 e 3 apresentadas acima e, considerando que ambas as hipóteses eram viáveis, percebemos que, talvez, juntamente aos fatores apresentados por elas, um outro que poderia ter levado essas crianças a segmentarem dessa forma teria sido a sua percepção do funcionamento do artigo como um determinante de gênero. Isso porque, o artigo, visto como um determinante, tem a função de especificador do nome ou substantivo, na medida em que é o responsável por atribuir informações morfológicas de gênero e número ao substantivo.⁹ Assim, acreditamos que, ao dissociar a letra “a” do restante da estrutura, a criança estaria também marcando a sua percepção de que essa estrutura restante equivale a uma palavra de conteúdo lexical do gênero feminino.

De acordo com Romualdo et Biondo (2010) a identificação do gênero gramatical desses substantivos, muitas vezes se dá apenas por uma convenção. Justamente por isso, como anunciam esses autores, as crianças, quando em fase de aquisição da linguagem, podem ter dúvidas quanto a essa categoria gramatical. Muitas vezes, partindo de sua percepção de que, em algumas palavras, a terminação, de fato, é um critério

⁹ Devido à necessidade de delimitação do tema, não nos atemos à questão do número.

para identificação do gênero, como, por exemplo, “a menina ! o menino”, as crianças “relacionam o gênero a terminação do vocábulo” (ROMUALDO et BIONDO, 2010, p. 11). Nos dados analisados, por exemplo, encontramos esta ocorrência que exemplifica bem esse tipo de dúvida:



Com um olhar atento, é possível notar que a criança ameaçou escrever a letra “o” no final da palavra¹⁰ e depois puxou um traço para formar a letra “a”.

O caráter singular desse dado indicia que essa criança, em um primeiro momento, baseou-se em sua percepção de que “a” pode representar palavra na língua, para dissociar essa letra do restante da palavra, e, simultaneamente, apoiou-se também na prosódia, pois, a princípio, escreveu a letra “o” no final da palavra, tentando representar o fonema que foi ditado. Em seguida, partindo de um *insight* oriundo de uma reflexão pautada em suas práticas de letramento, nas quais percebeu que o gênero deve concordar com a letra final da palavra, a criança pode ter repensado sua decisão e decidido trocar a letra “o”, na posição final, por “a”, intencionando concordar em gênero com a letra isolada – entendida por ela como um artigo definido feminino. Ao fazer isso, demonstrou também estar vendo a estrutura “marelinha” como uma palavra de conteúdo lexical do gênero feminino, fato que corrobora a Hip.3.

Dois outros dados corroboram a hipótese levantada aqui de que muitas vezes as crianças hipersegmentam estruturas iniciadas com a letra “a” devido a sua intenção de marcar o gênero da palavra: “abacaxi” e “amanhã”.



Na primeira, consideramos que a criança pode ter percebido a estrutura “bacaxi” como uma palavra do gênero

¹⁰ Isso acontece porque a palavra ditada foi “amarelinho”

feminino, pois, como antecipamos na Hip 3, essa estrutura é usada em algumas variantes e também no vocabulário infantil para representar a palavra “abacaxi”. Já na segunda, a palavra “manhã”, de fato, pertence ao léxico da língua. Considerando que em ambas as ocorrências as estruturas restantes do isolamento da letra “a” coincidem com o que as crianças podem entender como palavra na língua, é possível dizer que essas ocorrências indiciam a percepção dessas crianças de que o vocábulo “a” funciona como um determinante de gênero, tendo em vista que elas o estariam grafando separadamente para singularizar a estrutura restante como outra palavra pertencente ao gênero feminino.

5. Considerações Finais

Por tudo que relatamos podemos concluir que, embora não tenhamos confirmado a hipótese levantada neste trabalho, os resultados das análises abriram horizontes para observações peculiares, que nos deram vazão para levantamento de novas hipóteses, passíveis de serem comprovadas ou não em trabalhos posteriores.

Partindo dessas observações, e também respondendo uma pergunta feita já no título deste trabalho, podemos concluir que, apesar de, a princípio, frente aos resultados, o fato de as crianças hipersegmentarem palavras iniciadas com letra “a” de maneira a isolá-lo do restante da estrutura não parecer ser uma tendência geral, a frequência desse tipo de ocorrência também não pode ser considerada uma idiossincrasia do sujeito analisado em Cangussú (2012). Isso porque, como pudemos notar durante as análises, parece que, assim como esse sujeito, todos os outros analisados aqui (que apresentaram alguma ocorrência desse caráter) hipersegmentaram mais do que segmentaram convencionalmente as palavras iniciadas com a letra “a”. Entretanto, como vimos, alguns não apresentaram nenhuma dessas ocorrências.

Quanto a essa hipótese, partindo do raciocínio proposto de que essas ocorrências podem ser vistas como uma etapa necessária na trajetória do sujeito até a escrita convencional, concluímos que a idiossincrasia não está no fato de a criança cometer dado “erro” com tamanha frequência, mas sim, no **momento** em que ela passa a participar dessa etapa.

No que diz respeito à análise qualitativa, podemos concluir que várias hipóteses tentam explicar quais seriam os fatores linguísticos que levariam as crianças a cometerem dado “erro”. Entretanto, apesar de cada uma delas, a princípio, parecer dissociada das outras, todas podem atuar junto no processo que leva ao produto escrito.

Por fim, também concluimos que, embora cada uma dessas hipóteses apresente um fator linguístico diferente para explicar essa ocorrência – alguns mais ligados à interface educação/ escrita, outros a morfologia/ escrita – concordamos com os autores nos quais nos baseamos, quando eles afirmam que todas elas marcam o “trânsito e/ou coocorrência entre diferentes aspectos das práticas sociais orais e letradas nas quais [as] crianças [...] possivelmente estão/estiveram inseridos” (CAPRISTANO, 2010, p. 175).

5. Referências Bibliográficas

ABAURRE, Maria Bernadete Marques. O que revelam os textos espontâneos sobre a representação que faz a criança do objeto escrito? In: KATO, Mary (Org.). **A concepção da escrita pela criança**. Campinas: Pontes, 1988.

_____. Processos fonológicos segmentais como índices de padrões prosódicos diversos nos estilos formal e casual no português do Brasil. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, v.2, 23-43, 1991.

_____; SILVA, Ademar da. **O desenvolvimento de critérios de segmentação na escrita**: temas em psicologia. São Paulo, v.1, 1994, p. 1-102.

_____. Os estudos linguísticos e a aquisição da escrita. In: Castro, M. F. P. (org.). **O Método e o Dado no Estudo da Linguagem**. Campinas: Editora da Unicamp. p. 111-163. 1996.

_____. et al. Em busca de pistas. In: LAMPRECHT, Regina Ritter (Org.). **Cenas de aquisição da escrita**: o trabalho do sujeito com o texto. Campinas: Mercado de letras, 1997.

_____. Dados de aquisição da escrita: considerações a respeito de indícios hipóteses e provas. In: **Anais do ENAL**, Rio Grande do Sul: EdiPUC, 2006, 40-51.

AUBERCROMBIE, David. **Elements of general phonetics**. Edinburgh:

HIPERSEGMENTAÇÕES EM QUE A LETRA “A” APARECE DISSOCIADA DO RESTANTE DA PALAVRA: IDIOSSINCRASIA OU TENDÊNCIA?

Edinburgh University Press, 1967.

BISOL, Lêda. O sândi e a ressilabação. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 31, n.2, p.159-168, 1996.

CAPRISTANO, Cristiane Carneiro. **Aspectos de segmentação na escrita infantil**. São José do Rio Preto: Unesp, 2003. 213p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Linguística - Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, 2003.

_____. **Mudanças na trajetória da criança em direção à palavra escrita**. Campinas: Unicamp, 2007. 253p. Tese (doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Letras Instituto de estudos da linguagem, UNICAMP, Campinas, 2007.

_____. Por uma concepção heterogênea da escrita que se produz e que se ensina na escola. In: MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da. **Caderno de Educação**. Pelotas: UFPeL, 2010, p. 171-193.

CANGUSSÚ, Taynara Alcântara. **Hipossegmentação, hipersegmentação e mescla em produções textuais infantis: um olhar longitudinal**. 2012 – relatório de projeto de iniciação científica.

CANGUSSÚ, Taynara Alcântara. **O uso do artigo “a” na escrita infantil: seria uma tarefa fácil?** . 2013 - relatório de projeto de iniciação científica (no prelo).

CHACON, Lourenço. **Constituintes prosódicos e letramento em segmentações não-convencionais**. Revista Letras de Hoje. Porto Alegre. v. 39, n.3, 2004, 223-232.

_____. Hipersegmentações na escrita infantil: entrelaçamentos de práticas de oralidade e de letramento. **Estudos Linguísticos**, Campinas (SP), v. XXXIV, 2005, pp. 77-86.

_____. Prosódia e letramento em hipersegmentações: reflexões sobre a aquisição da noção de palavra. In: CORRÊA, Manuel Luiz Gonçalves (Org.). **Ensino de língua: representação e letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 155-167.

_____. Segmentações não-convencionais na escrita de pré-escolares: entrecruzamentos entre convenções ortográficas e constituintes prosódicos. **Letras de Hoje**, 2007.

CUNHA, Ana Paula Nobre. **A hipo e a hipersegmentação nos dados**

de aquisição da escrita: um estudo sobre a influência da prosódia. Pelotas: UFPel, 2004. 132p. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Educação, UFPel, Pelotas, 2004.

_____. As segmentações não-convencionais da escrita e sua relação com os constituintes prosódicos. In: MIRANDA, Ana Ruth Moresco; CUNHA, Ana Paula Nobre da (Org.). **Caderno de educação:** a aquisição e o ensino da linguagem escrita. 35ª edição. Pelotas, Ed. UFPel, 2010.

NESPOR, Marina; VOGEL, Ivone. **Prosodic Phonology:** with a new foreword. Berlin: Mouton, 2007.

PAULA, Isis Fernanda de. **Movimentos na escrita inicial de crianças:** um estudo longitudinal de hipersegmentações. São José do Rio Preto, 2007.1-154p. Dissertação (mestrado) - Programa de Pós-graduação em Educação, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2007.

ROMUALDO, Edson; BIONDO, Fabiana. A compreensão do gênero gramatical por professores do ensino. **Estudos da Linguagem**, Cascavel, v.11, nº 20, 133-149, 2010.

SILVA, Ademar da. **Alfabetização:** a escrita espontânea. São Paulo, Ed. Contexto, 1994.

SIMÕES, Darcília. **Considerações sobre a fala e a escrita:** fonologia em nova chave. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

TENANI, L; A grafia dos erros de segmentação não-convencional de palavras. In: MIRANDA, A. R. M; CUNHA, A. P. N. **Caderno de Educação.** Pelotas: UFPel, 2010, p. 247-268

Recebido em: 17/06/2012 - Aceito em: 22/10/2012